#### TEMA III

#### A ENFERMEIRA E A COMUNIDADE

# ENFERMEIRA, O TÉCNICO DE ENFERMAGEM E A ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

Maria Emília Almeida Porto \*
Maria Wanda Rodrigues de Oliveira \*\*

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A associação de classe representa a interação que existe entre o homem e o grupo e sua ação se faz benéfica quando, junto à comunidade, ela participa na formação, fermentação e desenvolvimento das idéias, sejam elas religiosas, morais, estéticas, humanitárias ou científicas. A enfermagem é uma profissão cujas características não podem fugir ao seu conteúdo profundamente humano. pois, quando ainda não havia ciência, era o espírito de servir que realizava, embrionariamente, aquilo que ainda hoje constitui alguns dos objetivos da enfermagem (dar conforto físico e moral ao doente, afastar dele os perigos e ajudá-lo a alcancar sua cura). interação era utilizada no engrandecimento de seus profissionais, quer no campo do desenvolvimento moral, quer no campo do desenvolvimento cultural. Assim foi que em 1926, fundava-se a Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, atual Associação Brasileira de Enfermagem, cujas bases foram objetivadas em seus estatutos:

- a) espírito de união solidariedade;
- b) interesse público colaboração com as autoridades na solução dos problemas de saúde;
- c) aperfeiçoamento profissional e cultural dos seus associados.

<sup>(\*)</sup> Diretora da Escola de Enfermagem da UFF.

<sup>(\*\*)</sup> Coordenadora do Curso de Enfermagem da EEUFF.

Atualmente, após vários anos de experiências, com roupagens novas, a ABEn lega à comunidade brasileira, através do trabalho de seus membros, uma série de contribuições, desde a regulamentação da Lei 775/49, na luta por uma política de ensino que situasse melhor o profissional de enfermagem, até a regulamentação do seu exercício em todo território nacional.

O estudo das necessidades de enfermagem no País em relação com a problemática de saúde de nossa comunidade tem sido uma das preocupações de nossa associação. Baseada ainda na reforma de Florence Nightingale, que previu dois tipos de profissionais na área da enfermagem: O das supervisoras ou superintendentes de enfermagem e o das enfermeiras para o atendimento direto dos doentes, categorias distintas desde o início do curso, alguns dos membros associados, pensaram na formação de um grupo auxiliar, que foi criado por Laís Netto dos Reys em 1936.

A Lei n.º 4.024 de 20-12-61, que estabeleceu as "Diretrizes e Bases da Educação Nacional", abriu largos horizontes para a formação dos mais variados profissionais em nível técnico; na época isso despertou o interesse de várias Escolas de Enfermagem e em 1966 nasceu o Curso Colegial Técnico de Enfermagem com a aprovação do Conselho Federal de Educação, em Parecer de n.º 171.

Assim é que chegamos ao limiar de uma nova era para nossa associação de classe, pois, no presente, temos no exercício da enfermagem, o auxiliar, o técnico e o enfermeiro. O primeiro, criou sua associação de classe independente, a União Nacional de Auxiliares de Enfermagem (UNAE), que vem também atuando junto à comunidade na luta pela resolução dos seus problemas. gundo grupo, os técnicos, dá seus primeiros passos na vida profissional; e a exemplo de outros países, observando as condições estabelecidas pelo Conselho Internacional de Enfermeiras, para a este se filiarem, ou seja, escolaridade dos associados em torno de 11 anos no mínimo, nossa associação, em tempo hábil, lembrou-se de trazê-los para nosso convívio aprovando na Assembléia de Delegados, realizada por ocasião do XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem, em Manaus, em 1971, uma emenda em nosso Estatuto, admitindo-os como sócios efetivos, em condições de colaborarem conosco no engrandecimento da enfermagem. Porém, seria isso apenas o necessário para motivá-los a participar da vida associativa? Nas linhas que se seguem, tentaremos esboçar algumas idéias sobre o assunto.

# SITUAÇÃO DO TÉCNICO DE ENFERMAGEM EM RELAÇÃO À ABEn

O primeiro passo para a integração do técnico de enfermagem em nossa associação de classe foi sua inclusão, na ABEn como sócio efetivo; porém, necessitamos estudar sua situação atual em relação a seus interesses como profissional de um nível diferente, no quadro social da ABEn.

Acreditamos que, para o estudo dessa situação, o material mais indicado deveria resultar da avaliação direta dos próprios técnicos, de como eles vêem a Associação e o que esperam dela; pelos relatórios da Comissão de Documentação e Estudos da ABEn, no período 70/71, 154 técnicos receberam diploma nos cursos que responderam o questionário.

Foi com este pensamento que entrevistamos alguns daqueles que se encontram trabalhando no Hospital Universitário Antônio Pedro, em Niterói, e que nos levaram a concluir sobre seu interesse em participar da nossa entidade, justificado na força que acham ter a mesma em relação aos problemas que vêm enfrentando ao iniciar suas atividades no campo profissional: sua aceitação pela equipe de enfermagem, conflitos em suas atribuições no campo prático e o estudo do seu enquadramento nos serviços públicos municipais, estaduais, federais, além do benefício cultural que poderiam usufruir através da convivência com as demais associadas.

Muito embora os técnicos que se pronunciaram não tenham sido em número relevante, parecem-nos válidas as idéias que colhemos a respeito de suas aspirações profissionais, o que pode nos levar, no futuro, a uma pesquisa que venha a esclarecer os seus reais interesses.

### POSIÇÃO ATUAL DO ENFERMEIRO EM RELAÇÃO À ABEN

Apesar do trabalho desenvolvido durante os 46 anos de vida da Associação, no sentido de congregar um número cada vez maior de associados, continuamos enfrentando sérias dificuldades em infundir nos enfermeiros uma consciência de classe, que os faça reconhecer os benefícios que as realizações da ABEn têm trazido para cada um individualmente.

A pesquisa realizada por Marina de Andrade Rezende, em 1957, publicada sob o título "A vida associativa em enfermagem", nos oferece ainda hoje sugestões no sentido de motivar enfermeiros, pois apenas 10% são associados, o que nos leva a concluir que somente uma minoria representa a ABEn na atualidade.

# MEDIDAS INDICADAS PARA O ENFERMEIRO E O TÉCNICO DE ENFERMAGEM PARTICIPAREM MAIS ATIVAMENTE DA VIDA ASSOCIATIVA

A preocupação da ABEn no sentido de encontrar meios para congregar seus associados continua, e foi assim que, por ocasião do XXII Congresso Brasileiro de Enfermagem, tivemos um simpósio específico sobre o assunto com o título de "Preparo no curso de graduação para a vida associativa".

Para atingir os propósitos que defendemos, acreditamos que duas áreas são de importância capital, e que devem ser consideradas: a Escola de Enfermagem e a Instituição onde o enfermeiro e o técnico prestam sua colaboração.

- Atuação na Escola para a vida associativa.

Na Escola, o estudante faz sua iniciação para a vida associativa, pois é aí que ele aprende a conhecer e amar sua profissão. Consciente do que quer, em meio adequado aos seus anseios, cristalizará a necessidade de participar efetivamente na construção de novas perspectivas para a enfermagem.

Neste sentido, podemos enumerar alguns recursos:

- 1 a aproximação da ABEn às Escolas, através de suas Seções, procurando envolver docentes e discentes em suas atividades;
- 2 o enfoque através da disciplina Ética Profissional, dos aspectos construtivos legados à classe pela associação, enfatizando a responsabilidade de cada profissional na continuidade desse trabalho;
- 3 o incentivo à direção do Diretório Acadêmico no sentido de desenvolver suas atividades culturais sempre que possível voltadas para a enfermagem, visando o amadurecimento dos seus membros para a vida associativa profissional.

Ao corpo docente das Escolas caberá uma grande parcela de êxito nesse trabalho, pois, somente demonstrando entuasiasmo pela sua entidade de classe, na vivência com seus alunos, poderá contribuir para a conscientização dos mesmos na meta a ser alcançada.

— Atuação nas Instituições de Saúde para a vida associativa.

As instituições de saúde poderiam ser utilizadas como agência de catequese contínua e permanente, para conscientização dos profissionais de enfermagem em relação aos problemas da entidade de classe. Para isto, seria necessário que os enfermeiros que ocupam

atualmente posições de chefia estivessem em condições de influenciar o grupo, no que diz respeito à vida associativa.

O preparo dessas lideranças constitui a primeira medida efetiva para atingir o nosso objetivo. Conhecer até que ponto esses profissionais estariam motivados e capacitados para o desempenho dessa tarefa, seria um dos primeiros passos para nos fornecer alguns indicadores que nos serviriam de base para atuação.

Muito embora não disponhamos desses elementos, tentaremos, a seguir apreciar alguns recursos que poderiam ser úteis na motivação dos enfermeiros e técnicos de enfermagem pela vida associativa:

- 1 promover levantamento junto às secretarias das Escolas, para obter dados sobre os profissionais recém-graduados, visando a sua aproximação à entidade de classe;
- 2 contato da presidência das Seções da ABEn com as chefias de enfermagem das instituições de saúde, visando entrosamento efetivo entre ambas;
- 3 promover levantamentos periódicos nas instituições de saúde, com a finalidade de identificar elementos novos que possam ser atraídos pelo grupo associativo;
- 4 promover visitas de membros de diretoria da ABEn, através de suas Seções, às instituições de saúde, com o objetivo de incentivar os enfermeiros e técnicos na participação da vida associativa;
- 5 utilizar a entrevista dos chefes de serviço com os profissionais recém-admitidos na instituição, para orientá-los sobre o valor da participação na ABEn como meio de desenvolvimento pessoal e profissional;
- 6 utilizar as reuniões dessas instituições para transmissão, pela Chefe do Serviço de Enfermagem, das informações de interesse imediato à vida associativa;
- 7 incentivar os enfermeiros e técnicos de enfermagem das instituições de saúde a participarem das reuniões ordinárias, dos congressos, dos seminários e outras atividades culturais e sociais, promovidas pela associação.

As instituições de saúde, portanto, nos oferecem um campo bastante fértil, desde que os líderes do Serviço de Enfermagem estejam conscientes de sua responsabilidade, não só no que diz respeito à eficiência técnica do seu serviço, como também na sua participação como cidadão capaz de promover seu grupo profissional junto à comunidade.

#### CONCLUSÕES

- 1 A equipe de enfermagem atualmente em exercício compõe-se de 3 categorias profissionais, constituíndo uma problemática no sentido da vida associativa;
- 2 o técnico de enfermagem, como novo membro efetivo da associação, é hoje uma realidade que precisa ser considerada;
- 3 uma pesquisa futura que nos fornecesse alguns indicadores em termos de tornar conhecidos os interesses do técnico de enfermagem em relação à classe seria de grande valia para que a ABEn pudesse desenvolver uma programação adequada no sentido da integração do referido profissional, no grupo de enfermeiros;
- 4 o recrutamento de enfermeiros continua sendo para a associação um grande desafio que necessita ser enfrentado se realmente quisermos ter uma entidade forte e representativa dentro da comunidade;
- 5 a preocupação de nossa Associação com o pequeno número de associados tem sido constante, comprovada através do estudo dessa temática em vários congressos;
- 6 a Escola de Enfermagem continua sendo o centro de irradiação do pensamento associativo, através da conscientização que for capaz de desenvolver nos futuros profissionais;
- 7 o corpo docente é o elemento onde repousa todo o êxito da Escola, relacionado com a motivação dos discentes para a vida associativa;
- 8 as lideranças de enfermagem nas instituições de saúde deverão estar preparadas para reconhecer a importância da participação do seu grupo na vida associativa;
- 9 nas instituições de saúde, as chefias de enfermagem, sempre que possível, deverão estimular os enfermeiros e os técnicos de enfermagem a se aproximarem da sua entidade de classe.

### **RESUMO**

A associação de classe aproxima o homem do grupo e desta maneira faz com que ele participe da comunidade em que vive.

A Associação Brasileira de Enfermagem objetivou a aproximação do profissional de enfermagem ao seu grupo, procurando elevá-lo no conceito social da comunidade brasileira. Isto vem sendo provado com as contribuições que a ABEn tem legado, não só ao profissional individualmente, como no aspecto do desenvol-

vimento da legislação do ensino e do exercício e na preocupação da melhoria da assistência de enfermagem no nosso País.

Foi estudando este aspecto, que a Associação concluiu pela necessidade de distribuir melhor as atribuições da equipe de enfermagem, e, com apoio na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que permitiu a formação de profissionais de nível médio, foi criado o curso técnico, uma vez que já existia o curso de Auxiliar de Enfermagem.

A ABEn lembrou-se de chamar para si o técnico de enfermagem, aprovando no XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem uma emenda em seu Estatuto, que permite a inclusão deste profissional no quadro social, na categoria de sócio efetivo.

Entrevistados alguns técnicos sobre como vêem sua participação na ABEn, sentimos o otimismo dos mesmos, no sentido de que a ABEn venha ajudá-los a resolver muitos dos problemas que estão vivendo no exercício da profissão.

A participação do enfermeiro na vida associativa continua sendo um grande desafio para a Associação, pois, apesar de 46 anos de trabalhos, o número de enfermeiros associados ainda deixa muito a desejar.

As medidas indicadas para estimular o enfermeiro e o técnico a participarem mais efetivamente da vida associativa, incluem duas áreas: a Escola de Enfermagem e a Instituição onde o enfermeiro e o técnico prestam sua colaboração. A escola é a matriz onde o estudante de enfermagem dá seus primeiros passos em direção à vida associativa; entre algumas medidas que pode tomar citamos:

1) o enfoque dos êxitos alcançados pela classe, através do trabalho associativo, na disciplina Ética Profissional;

2) trabalho desenvolvido pelo corpo docente, a quem caberá em última análise o êxito de uma formação adequada.

A Instituição de Saúde, também constitui um grande reduto para o recrutamento, desde que as lideranças dessas instituições estejam convenientemente preparadas para essa finalidade. Alguns recursos podem ser úteis, tais como: a orientação dos profissionais recém-graduados visando a sua aproximação da entidade de classe e o contato das presidentes de Seções da ABEn com as chefias de enfermagem das instituições de saúde.

Concluindo, podemos dizer que estas instituições podem ser também um campo fértil com vistas à preparação de profissionais para a vida associativa.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- 1 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, Guanabara Política de Trabalho da Associação Brasileira de Enfermagem.
- 2 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM Guanabara Estatutos da Associação Brasileira de Enfermagem — 1966-1970.
- 3 CARVALHO, A.C., RIBEIRO, C.M. Declaração de Princípios. Revista Brasileira de Enfermagem, 22 (4): 209-213, jul., 1969.
- 4 CARVALHO, J. F., LOZIER, H. Bases Para a Política da Associação Brasileira de Enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, 22 (4): 222-234, jul., 1969.
- 5 CARVALHO, J. F., LOZIER, H., CASTRO, I. B. Política da Associação Brasileira de Enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, 23 (3): 109-118, jul., 1970.
- 6 DOURADO, H. G. Novo Profissional de Enfermagem Formado no Ciclo Profissional da Guanabara. Revista Brasileira de Enfermagem, 18 (2): 136-139, abril, 1965.
- 7 IMPERIAL, M.G.S.C. Preparo no Campo de Trabalho Para a Vida Associativa. Revista Brasileira de Enfermagem, 23 (3): 103-108, jul., 1970.
- 8 NOBREGA, M. R. S., DOURADO, H. G. O Ensino Médio de Enfermagem na Nova Estrutura do Ministério de Educação e Cultura. Revista Brasileira de Enfermagem, 20 (1): 86-90, jan., 1967.
- 9 OLIVEIRA, M.W.R. Preparo nas Escolas de Enfermagem Para a Vida Associativa. Revista Brasileira de Enfermagem, 23 (3): 100-102, jul., 1970.
- 10 PAIXÃO, W. História da Enfermagem. Rio de Janeiro, Bruno Buccini/Editor, 1969, pág. 119-122.
- 11 RESENDE, M. A. Significado da Vida Associativa. Revista Brasileira de Enfermagem, 10 (4): 375-394, dez., 1957.